



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ INGLÊS**

ROSILENE DA SILVA MORAIS SOUZA

**DIÁLOGOS ESCOLARES ÉTNICOS CULTURAIS: LUTA,
RESISTÊNCIA E DESAFIOS**

**DOURADOS-MS
2015**

ROSILENE DA SILVA MORAIS SOUZA

DIÁLOGOS ESCOLARES ÉTNICOS CULTURAIS: LUTA,
RESISTÊNCIA E DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.
Orientadora: Prof^a MSc. Adma Cristhina Salles Oliveira

DOURADOS
2015

S718d Souza, Rosilene da Silva Morais

Diálogos escolares étnicos culturais: luta, resistência e desafios / Rosilene da Silva Morais Souza. Dourados, MS: UEMS, 2015.

39 p. ; 30cm.

Monografia (Graduação) – Letras Inglês – Universidade Estadual de Dourados MS, 2015.

Orientadora: Prof. MSc. Adma Cristhina Salles Oliveira.

1. Caminho do tempo 2. Despertando encontros de identidades 3. Vozes e memória I. Título.

CDD 23.ed. 469.79

ROSILENE DA SILVA MORAIS SOUZA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**DIÁLOGOS ESCOLARES ÉTNICOS CULTURAIS: LUTA,
RESISTÊNCIA E DESAFIOS.**

APROVADO EM: _____ / _____ /2015.

Prof^ª MSc. Adma Cristhina Salles Oliveira
UEMS/Dourados
Presidente da Banca

Prof. MSc. João Machado
FAIND/ UFGD
Membro da Banca

Prof^ª MSc. Maria de Lourdes Albuquerque de Souza
FAIND/UFGD
Membro da Banca

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família. Aos meus filhos; Cintia, Sara, Savio e Cassia, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência. Ao meu esposo Sergio Souza pela grande força e por fazer parte dessa vida acadêmica, e construir mais uma história juntos Dedico aos cunhados, e cunhadas sogra e sogro, mãe, pai e irmãos pela força e orações. Assim como à minha comunidade que esteve me ajudando durante esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar a graça da vida e por fortalecer minha fé nas horas que eu mais precisei.

Ao meu esposo Sergio Souza pela grande força e dedicação. Também aos meus filhos Cintia, Sara Sávio e Cássia pela paciência e compreensão no momento de ausência. Agradeço aos cunhados, e cunhadas sogra e sogro, mãe, pai e irmãos pela força e as orações.

Agradeço a Escola Tengatui Marangatu que me recebeu muito bem para realização do projeto, aos professores que compartilharam suas lembranças dando suporte de valorização do saberes indígenas neste trabalho.

À FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul e a UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela concessão da bolsa PIBIC que possibilitou o desenvolvimento deste projeto. E em especial Professora Orientadora Adma Cristhina Salles de Oliveira pelo companheirismo e por ter acreditado em mim, durante essa trajetória. Por acreditar que voz subalterna pode ser ouvida, e respeitada e que são vozes que não devem se calar e nem serem esquecida no meio do caminho. Ao Projeto Rede de Saberes e toda a sua equipe, que me apoiaram durante a minha jornada como acadêmica, pelas vezes que proporcionou recursos para que eu concluísse a minha graduação.

RESUMO

Objetivo dessa pesquisa foi compreender as narrativas orais dos professores indígenas sobre o ambiente educacional, instaurado historicamente nas aldeias. As vozes dos educadores e dos alunos indígenas denunciam e institui o pensamento de uma nação que procura identificar-se e auto afirmar-se. Os estudos culturais na temática de educação ameríndia procurou ouvir as vozes indígenas, revivendo narrativas e desvelando a construção da identidade cultural educacional. Considera-se relevante por pertencer à proximidade fronteira Dourados-MS, o as oralidades colaboram no descortinar outro o olhar histórico educacional. Esta pesquisa etnográfica teve subsídio alguns apontamentos culturais coletados no Programa de Iniciação Científica (PIBIC/FUNDECT- MS) intitulados: Os Diálogos Escolares e as Diferenças Étnico –Culturais: a Leitura das Textualidades Indígenas como Descoberta de Outro Olhar (2013 -2014) e Estudos Culturais e Memória: O Olhar Educacional Sobre as Vozes Enunciadoras dos Professores Indígenas (2014 - 2015).

Palavras-chave: Memória; História; Linguagem.

ABSTRACT

This research aimed to understand the oral narratives of indigenous teachers on the educational environment, historically established in the villages. The voices of teachers and indigenous students denounce and establishing the thought of a nation that seeks to identify and self-assert itself. Cultural studies on Amerindian education theme sought to hear the indigenous voices, reliving stories and revealing the construction of educational cultural identity. It is considered relevant to belong to the border near Dourados-MS, the orality collaborate to uncover the other educational historical look. This ethnographic research grant had collected some cultural notes in the Scientific Initiation Program (PIBIC / FUNDECT- MS) entitled: The School Dialogues and Ethnic Differences - cultural: Reading of Indigenous Textualities as Discovery Another Look (2013 -2014) and Studies cultural and Memory: The Look Educational About Enunciadoras Voices of Indigenous Teachers (2014 to 2015).

Keywords: Memory; History; Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - CAMINHOS DO TEMPO	11
1.1 Cultura.....	11
1.2 - Resistência histórica e percursos metodológicos	12
CAPÍTULO II - DESPERTANDO ENCONTROS DE IDENTIDADE AOS DESAFIOS DOS SABERES TRADICIONAL	18
2.1 Identidade.....	18
2.2 Vozes educacionais.....	18
CAPÍTULO - III VOZES E MEMÓRIA: VOZES QUE NÃO DEVE SER CALADAS E SABERES QUE NÃO PODEM SER ESQUECIDOS	19
3.1 Memória	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
GLOSSÁRIO	38

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho permitiu uma interlocução promovendo interação de ideias, valores, aproximando a compreensão da identidade indígena. Conhecemos as percepções, sentimentos, experiências dos participantes sobre conteúdo histórico, problematizado a discussão (GATTI, 2005).

A pesquisa etnográfica identificou sobre a perspectiva das narrativas a identidade, as construções históricas e culturais, no contexto social escolar, e a valorização da língua materna, a criatividade de ensino, as histórias, a religião, memória, no contexto do meio social da terra indígena de Dourados/MS.

Ao ouvir as vozes por meio de entrevistas, coletando lembranças de cada etnia, observa-se que as mesmas dialogaram e dialogam com nossa proposta de pesquisa (BOSI,2007) por entender que a memória é resultado da família, da política partidária, do trabalho, enfim ela é essência de uma memória social que nos permite refletir sobre a liberdade de partilhar nossas lembranças com a história vigente ou a ser construída. No trabalho etnográfico didático textual a temporalidade, destaca a importância da identidade e a consciência como forma de diálogos culturais. Este diálogo faz-se necessário para valorizar o registro histórico, percebendo a dinâmica do apagamento cultural do colonizador em relação ao colonizado, o que desqualifica o letramento social, e a percepção de identificação dos povos indígenas.

No capítulo primeiro abordamos conceitos antropológicos da cultura fundamentando historicamente na revisão literária, pois a etnografia¹ é algo presente nas vivências e convivências do nosso trabalho de campo no fazer do dia a dia. Traremos um sobrevoo, um panorama das leis que defendem as causas indígenas, contribuindo para entender o que está implícito na questão didática e da territorialidade na construção das identidades.

No segundo capítulo destacamos o valor da identidade das etnias: Terena

Guarani e Kaiowá, apresentando suas diferenças e semelhanças, utilizando uma metodologia de escuta.

Seguindo este fio condutor no terceiro capítulo destacamos a oralidade, pois é algo de relevância, as vozes enunciativas resistem e desafiam a uma escuta da memória, memória viva e necessária para compreender as relações de poder que anunciam defe-

¹ Etnografia é a participação: você entende os aspectos de outra vivenciando-a: indo lá, estando lá, fazendo as coisas que eles fazem e como eles fazem presente nas nossas vivências e resistências. (Gilson Buffon Vas 09 de Março 2014)

sa/denúncia/história/identidade/memória/interculturalidade/conhecimento pedagógico. Considera-se, portanto dar voz, analisar e avaliar as vozes para responder as identidades mascaradas historicamente, a fim de me identificar, e acreditar as identificações do meu povo. A responsabilidade da formação educacional indígena depende de uma profunda reflexão analisando as lutas, os desafios, o compromisso das etnias com o seu povo, as quais não se configuram da mesma forma como as antigas etnias. Existe a imposição e o empréstimo cultural, em que a interculturalidade tão desejada não é respeitada por sua diferença que faz presente no cotidiano social e educacional.

Maria Iolanda;

Na minha casa tem uma boneca de porcelana!!
O nome dela é Maria Iolanda.
Com vestido de cetim brincando de ciranda!!
Com chapéu na mão Maria Iolanda se encanta.
Com colar de pérola e sapatinho de cristal que trouxe lá de Portugal.

(Rosilene da Silva Morais Souza. 2015)

CAPÍTULO I - CAMINHOS DO TEMPO

1.1 Cultura

A escola é uma das instituições hegemônicas do estado, com capacidade de perpetuar o conhecimento intercultural. Ela pode ser um espaço de exercício da desconstrução de um modelo ocidental que defende uma cultura única como verdadeira.

Destacamos a complementação da lei no âmbito da educação escolar indígena, que certifica a memória como fator necessário para identificar as práticas culturais. Considera-se, portanto, que deva haver um diálogo entre os saberes indígenas e os saberes ocidentais, a fim de estarem incluídos na dinâmica cultural, econômica, política da contemporaneidade. Historicamente, a escola brasileira perpetuou, por meio do aparelho ideológico, o apagamento cultural. Embora as políticas públicas, caminhem para uma equidade no campo educacional, o sistema escolar ainda propaga o sentido de um discurso social hegemônico de exclusão, materializado pela intenção do material didático produzido e distribuído em seu contexto didático pedagógico. A materialização das políticas de inclusão social normatizada pela Lei 11.645/2008, presentes na ampliação das normas e na legitimidade da LDB/96 consolidada nos programas curriculares, tenta reverter esse processo. Elas responsabilizam as instituições escolares com a formação da personalidade, e no combate às desigualdades daqueles que se envolvem com o processo ensino e aprendizagem, especificamente jovens que frequentam o ensino básico regular, dentre eles, afrodescendentes e indígenas.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010) declaram que o estado de Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do Brasil, com 73.295 auto declarações (FUNASA, 2009).

Segundo Isaías Duarte, o município de Dourados é a segunda maior cidade sul-mato-grossense e concentra a maior parte dos indígenas do estado. Responsável pelo Polo Base de Dourados da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), informa que são 13.313 indígenas vivendo no município. De acordo com este cálculo foram computados habitantes das aldeias, Bororó, Jaguapirú Panambizinho, e o Panambi, localizada em Douradina, (FUNASA, 2009). Vive também na terra indígena de Dourados Jaguapiru e Bororó, Terenas, este último são grupos étnicos do tronco linguístico, Aruák e que se faz presente nas regiões como Miranda, Aqui

dauana Limão verde Buriti Nioaque e outros. (Bittencourt 2000). De acordo com essa história pode se pensar em momentos importantes marcado na memória de cada povo no decorrer das mudanças sofridas ao longo do tempo; ao retornar as lembranças e momento de passar por processo de reflexão e análise dos acontecimentos presentes e passados, é importante entendermos que somos parte dessa história.

Partindo do pressuposto geográfico e de deslocamento das etnias a sociedade se organiza pela distribuição de papéis delimitados por questões culturais, podendo definir cultura de acordo com Keesing:

Cultura são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de esclarecimento de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas e assim por diante. Cultura são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de esclarecimento de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas e assim por diante (KEESING, 1971 apud LARAIA, 2009 p.59).

Os diálogos culturais são uma concepção teórica que auxilia o entendimento do conceito de cultura de Laraia (2009), abarca as mais variáveis áreas do conhecimento materializa-se em diferentes áreas no sentido mais amplo a antropologia, representado pela maneira de viver, de sentir e pensar de um grupo social, o modo de refletir sobre as diferentes culturas perpassando pela memória, pela oralidade, este é um instrumento valioso para compreendermos as práticas do cotidiano, sendo este constituído diariamente, do deslocamento sofrido com o exílio de diversas culturas ameríndias. No caso da memória pertence a uma constituição fisiológica ou psicológica, por ser um fenômeno científico, isto depende do objeto e do sujeito a ser estudado.

Nosso objetivo foi registrar narrativas orais dos professores indígenas sobre o nicho educacional, instaurado nas aldeias historicamente. As vozes dos educadores indígenas enunciam o pensamento de uma nação que procura identificar-se e se auto afirmar enquanto diferentes etnias.

Este estudo ampliará os eixos metodológicos do projeto. (Os estudos Culturais: As narrativas e discursos afros descendente no ensino fundamental de Dourados.), colaborando com a desconstrução dos mitos da história oficial, pois seus narradores pertencem a uma história viva muitas vezes esquecida no apagamento social do discurso do colonizador.

Nesta teia de pesquisa tratamos de conhecer a identidade educacional do ensino

indígena, não estamos fazendo apologia a uma monocultura, mas tentaremos escutar como o ensino básico é visto por seus pares dentro das aldeias, bem como os anseios de uma nação desapropriada e circunscrita na desterritorialização do espaço geográfico.

Considera-se a interdisciplinaridade, presente implicitamente nos estudos culturais, na oralidade enquanto instrumento de desvelar o desconhecido ou mesmo a influência do colonizador e processo de descolonização das nações indígenas presentes.

Em seguida trataremos de rebuscar em nossa memória o momento de história.

1.2 - Resistência histórica e percursos metodológicos

Mato Grosso do Sul é o estado com a maior população indígena do país, mas as desigualdades sociais construídas ao longo do processo cultural histórico contribuíram para as tensões agrárias e sociais, próprias da herança latifundiária do colonizador, é o estado brasileiro que mais tem conflito agrário com as questões indígenas. Os sujeitos indígenas da nossa pesquisa pertencem às nações: Guarani - Kaiowá, Guarani- Nāndeva, Terena. Estas nações estão espalhadas por todo estado, no pantanal sul-matogrossense, também próximo ao Chaco paraguaio, encontramos: as etnias dos Kadiwéus, os Guatós e no Chaco paraguaio os Chamacocos, nosso trabalho estará circunscrito na região de Dourados (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Bittencourt (2000) a história ocupacional territorial dos nossos antepassados, povos estes indígenas que coabitam este território anterior à chegada dos povos Europeus, ocorreram em diferentes momentos históricos da colonização.

Durante muito tempo, as ocupações territoriais por migrante foram feitas de maneira lenta e os contatos de indígenas diferentes estabeleceram contato entre si, fornecendo realização de experiência e enriquecendo as heranças culturais. No entanto, a população indígena é constituída no Brasil por diversos povos Etnias e nação. São sujeitos diferentes entre si, são conjuntos de pessoas que possui seu uso, costumes e crença própria e que falam línguas diferentes têm suas pluralidades e singularidades. Sabemos que existe diferença entre si, porém possuem uma origem em comum, pois são seres que trazem sua organização social historicamente com características de saberes e valores tradicionais. Por meio de luta, resistência e desafios, o direito a essa originalidade própria de cada etnia como a língua os costumes tradicionais foi sendo garantido pela Constituição Brasileira de 1988 de acordo com artigo 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BITTENCOURT, 2000. p.19).

Podemos entender que as singularidades possuem reconhecimento que abrange não só a questão da terra, mas a preservação dos saberes científicos tradicionais na educação, de acordo com a mesma constituição no artigo 210:

O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processo próprio de aprendizagem.
(Bittencourt, 2000. pg. 19)

E nesse termo, asseguramos, ao posicionarmos nossa pesquisa nos diálogos culturais temos que conceber a teoria e o contexto interdisciplinar na educação, compreender que cultura abrange e dialoga com as mais variadas áreas do conhecimento, contendo o sentido mais amplo da antropologia, representado pela maneira de viver, de sentir e pensar de um grupo social, isto é da operacionalização pedagógica. A pretensão de operacionalização desta nossa pesquisa vem ao encontro de um desvelar cultural, este por sua vez dialoga semelhantemente com o Projeto dos Estudos Culturais. A presença das vozes indígenas na escola da aldeia Jaguapiru, as atividades propostas provocaram a ampliação e extensão da proposta inicial de pesquisa, pois constatamos no interior da escola a necessidade de colaborar com a desconstrução dos mitos da história oficial, e valorização da história de uma liderança indígena, reconhecida mundialmente, pois seus narradores pertencem a uma história viva muitas vezes esquecida no apagamento social do discurso do colonizador (Oliveira, 2010). Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram às interpretações das textualidades e vozes históricas indígenas. Ao produzirmos atividades de leitura e escrita, provocamos as reflexões, culturais, sociais e históricas, políticas e educacionais mostrando um olhar desconhecido da história oficial. Esta metodologia de escuta das vozes subalternas e uma prática utilizada na pesquisa etnográfica e premiada pela literatura mundial é a escrita bielorrussa é Svetlana Alexievich Prêmio Nobel de literatura 2015. Segundo a informação da premiação, Alexievich é considerada uma enunciativa de obras polifônicas, tratando de monumento de sofrimento e coragem em tempo presente. A literatura contemporânea demonstra que as vozes da invisibilidade estão presentes na relação de poder e perseguida por um panótipo, que exclui a privacidade social. Dar voz ao subalterno significa valorizar a literatura por meio de atividades, desenvolver os próprios recursos existentes na escola, como as textualidades

paradidáticas, ou com as leituras dos livros didáticos. No entanto, os livros didáticos omitem a verdadeira história das diferenças culturais pertencente no seio da sociedade e no âmbito do contexto escolar, esta verdadeira história necessita ser ouvida, por isso valorizamos a história oral, pelo resgate da memória individual e identidade, Soares (2002) afirma que o letramento social é uma forma de poder ideológico destacam a função da leitura no contexto da pesquisa social:

[...] vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimento, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida. (SOARES 2002, p.21)

Reconhecemos que o letramento faz parte do nosso dia a dia, tanto nos diálogos, como na textualidade, diferente das classes dominantes, que tem o letramento como fonte de poder. No contexto dos indígenas ele tem valor como fonte de sobrevivência, na qual a memória e a identidade podem ser reconstruídas e desenvolvidas para o reconhecimento e formação do multiculturalismo.

Nossa pesquisa coletou vozes contemporâneas dos docentes e discentes que atuam ou atuaram na construção cultural dos povos pertencentes a construção da nossa identidade sul-mato-grossense, ao verificar a rotina de interação coletando, histórias da trajetória do dia-a-dia deste povo. Apresentamos o conceito como se deu a desterritorialização² de um povo que foi segregado do direito civil. As narrativas estão presentes em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas (BARTHES, 1976).

Em se tratando de cultura, fundamentamos nossa proposta de pesquisa na teoria e metodologia da história oral, podendo evidenciar o pensamento cultural na construção da memória/identidade. A relação do passado com o presente é permeada por lembranças que se cruzam e se complementam, não tendo uma única identidade, mas uma identificação individual, a qual é valiosíssima para compor a identificação coletiva (HALL, 2005, *apud* Oliveira, 2009, p.93.). Quando trabalhamos com a memória, utilizamos a lembrança dos

² O território de cada indivíduo é o que melhor o identifica, dado que é o território que ajuda e condiciona a construção da identidade de cada indivíduo. O Homem necessita do seu território,

depoimentos individuais, que são fruto das relações: familiares, grupais, escolares, da igreja. Estas lembranças compõem a memória pessoal e coletiva. Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história, a de seu nascimento, vida e morte (BOSI, 2001, *apud* Oliveira, 2009, p.62). Quando falamos de história oral abrimos uma nova possibilidade de registro dos fatos, pois esta possibilita a narrativa dos sentimentos, das emoções, do envolvimento ideológico, da subjetividade inerente ao homem e a sua cultura (ALBERTI, 1990). A diversidade cultural visível no meio social sul-mato-grossense acarretou uma indagação sobre sua verdadeira identidade, tal questão que necessitará de instrumentos legais como, por exemplo, os relatos orais, os aportes teóricos e metodológicos que auxiliem na compreensão dos relatos memoriais dos sujeitos envolvidos. (HALBWACHS, 2004), sendo este em construção. Certos acontecimentos históricos revelam que em outra temporalidade as ideologias e tendências educacionais dominam e sobrepõem uma cultura pertencente a minorias em contrapartida, podemos afirmar como a memória discursiva é um fenômeno coletivo e individual.

Ao realizarmos entrevistas semiestruturadas e os diálogos, diretos evidenciamos o registro da memória, para valorizar a transformação do homem e entendimento de que homens estamos falando. A função da memória é relembrar situações marcantes que representem o compromisso com as ações diárias que muitas vezes conduz a hibridação de valores e de seu espaço e de criar vínculos e ligações com ele (Ana Maria Cortez Vaz, 2010) esquecimentos da identidade cultural.

Outra função da memória é a transformação, tanto com as mudanças singulares quanto com a valorização do ser humano em sua totalidade. A história oral, do ponto de vista de quem relata, aproxima o sujeito do objeto, embora tenha um grau de ingenuidade e singularidade, não podemos negar sua totalidade sintética (Oliveira, 2010). Sendo assim, um dos instrumentos necessários para a desconstrução cultural dos hábitos e atitudes é a materialização da lei, no caso, agregando valores aos saberes indígenas. Após vinte e oito anos da aprovação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no artigo 210, a questão dos direitos indígenas foi pautada no sentido destes manterem sua identidade cultural, bem como o uso de suas línguas maternas, e considerando também seu processo de aprendizagem, sendo obrigação do Estado assegurar o direito a estes bens culturais.

Seguindo como fio condutor as leituras das pesquisas, consideramos os diálogos escolares e as diferenças étnico-culturais: A leitura das textualidades indígenas como descoberta de outro olhar o despertar que aflora a identidade mascarada na perspectiva de lembrança de luta resistência e desafios, as vozes a seguir mostra como as diferentes

identidades estão presentes no dia a dia. Diante da ideia dialogamos com os professores e alunos indígenas por meio de entrevista etnográfica participativa, pois nossos informantes eram constituídos das três etnias: Guarani, Kaiowá e Terena, socializados como Guateka³.

Menina Índia

Não é só comemorar é preciso valorizar, nossa história apreciar.

As cores irão nos contar!!!!.No urucum o vermelho encontrará.

Menina índia com seu corpo esculpido de todas as cores, com o jenipapo o preto a desfrutará.

Com colar de sementes e penas; maravilhosa ficará.

Menina índia esculpido de sementes uma guerreira se tornará.

(SOUZA -2015)

³ GUAATEKA é uma junção de etnias: Guarani, Terena e Kaiowá da cidade de Dourados-MS. Jornal Diário MS do dia 10 de Agosto de 2012 com o fim de deliberar sobre a fundação da Associação e aprovar o Estatuto Social e eleger os membros do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal e da Diretoria da ASSIND GUAATEKA, Associação Indígena Douradense Guarani, Terena e Kaiowá da cidade de Dourados-MS.

CAPÍTULO II - DESPERTANDO ENCONTROS DE IDENTIDADE AOS DESAFIOS DOS SABERES TRADICIONAL

2.1 Identidade

Neste capítulo o recorte contemplado será o da identidade, sendo analisadas as identificações indígenas por meio dos saberes oral, saberes estes perpetuados de família em família. Ao respeitar a parentela étnica dos chamados Guateka (guarani, terenas, kaiowá) na formação da nação indígena tem muita responsabilidade com a formação social e retrata a representação do *eu* físico para o *eu* jurídico.

Destacamos os povos indígenas, pertencentes aos grupos étnicos: - Kaiowá, Guarani - e Terena. Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram; os diálogos diretos, as entrevistas semiestruturadas gravadas e transcritas, destacando o fator da identidade nas narrativas.

Em relação à identidade eu, Rosilene, sou indígena por parte de mãe, pertencendo às etnias terena e guarani, pai Terena e mãe Guarani. Adotada, recebi afeto, criada com hábitos, valorizando costumes indígenas, recebi a herança oral do saberes milenares de sobrevivência do meu povo, assim fui e sou constituída (HALL 2003, *apud* OLIVEIRA 2011), permite entender que, na verdade, nunca houve isenção cultural; as relações estão presentes nos traços da linguagem, das tradições das histórias orais, no fazer cotidiano.

A grande questão é como conciliar a construção do novo homem, com as raízes ancestrais tão fortes na identidade do mesmo. Diante de tal dilema, vale lembrar as palavras de Hall (2003) quando posiciona a(s) identidade(s) de forma diferenciada culturalmente:

Quando as identidades estão em questão, essa oscilação entre tradição e tradução [...] vem se tornando mais evidente num plano global. Por toda a parte, insurgem identidades culturais que não são fixas, mas estão na balança na transição entre diferentes posições; e são o produto de complicados cruzamentos e misturas culturais, cada vez mais comuns em um mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como algo destinado a finalizar-se em um ou outro lugar: retornando as suas raízes ou desaparecendo através da assimilação ou homogeneização. Porém, esse pode ser um falso dilema (HALL 2003, p. 69).

Neste sentido sou indígena por identidade e por identificação. É importante ressaltar que embora não fale o idioma, por força do sequestro linguístico do colonizador, minha parentela materna é de herança consanguínea guarani e dialogo com Hall, em boa parte da pesquisa.

Em relação ao trabalho percebi a dificuldade dos alunos que se apropriam

frequentemente dos idiomas Guarani, Terena, Kaiowá em aprender à escrita e leitura no processo de aquisição do conhecimento quando se trata do objeto desconhecido. Diante disso, há necessidade de estímulo, para o conhecimento da própria história. Eu e minha orientadora percebemos em nossa pesquisa a necessidade de atividades de leitura e escrita que destacassem o reconhecimento cultural da própria sociedade indígena. Uma das problemáticas relaciona-se às questões sociais, linguísticas e culturais, das identificações. Existe o desafio de dominar as duas variações culturais perdidas na imposição linguística do colonizador (Hall, 1992. pg.9) afirma: “[...] estas transformações estão também modificando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Quanto às etnias: Terena, Kaiowá e Guarani, pertencentes a território urbano Jaguapiru e Bororó, conhecida como Reserva Urbana Indígena *Francisco Horta Barbosa*⁴ espaço de escuta discursiva com tensão e declaração, neste sentido Souza (2013), professora e mestre indígena guarani Teodora de Souza, moradora do território Jaguapiru em sua tese enuncia sua voz:

[...] Neste sentido, essas situações têm influenciado na forma de constituir e/ou manter as diferentes identidades(s)”, pois, segundo Barth (1976, p. 10), “se um grupo conserva a sua identidade quando os membros interagem com os outros, isto implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”. (SOUZA, 2013. p.20)

É importante ressaltar, que o conceito da identidade estudado continua a ser perseguido, ou seja, é um conjunto de práticas culturais, religiosas e políticas (HALL, 2005). A constituição desta identidade constitui-se a história desse grupo, o local no qual está inserido (BHABHA, 1998).

2.2 Vozes educacionais

O sentido do texto oral é produzido no momento em que a narrativa acontece a performance põe em presença atores (emissores, receptor, único ou vários) e, em jogos, meios (voz, gesto, mediação)” (ZUMTHOR,1997).

Bosi (2007) dialogou e dialoga com nossa proposta das vozes coletadas por entender que a memória é resultado da família, da política partidária do trabalho, enfim ela é essência de uma memória social que nos permite refletir a liberdade de partilhar nossas lembranças

⁴Essa aldeia foi fundada em 1925, com a demarcação das Arias por major Nicolau Horta Barbosa de acordo com o decreto n ° 401 (Gressler& Swensson, 1988)

com a história vigente ou a ser construída.

Dialogando com professores, houve um remetimento de lembranças, surgindo questionamentos do entrevistador para melhor estimular a história de memória do entrevistado. Porém, a escuta da história das diferenças culturais pertencem ao seio da sociedade e ao âmbito do contexto escolar, as narrativas indígenas necessita ser ouvida, por isso valorizamos a história oral, pelo resgate da memória individual e da identidade. Soares (2002, p.21) afirma que o letramento social é uma forma de poder ideológico, destaca a função da leitura no contexto da pesquisa social: no método de escuta da nossa pesquisa etnográfica buscaram-se informações relevantes nas práticas educacionais. Tal processo proporcionou uma reflexão quanto à importância de uma interação das lideranças políticas e tradicionais indígenas, juntamente com a família no contexto educacional, onde os mesmos podem contribuir com seus saberes específicos, enriquecendo assim, o ensino ocidental para melhor desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Spivak, (2012) colonizador, desenvolve uma reflexão clara quando se trata de valores dos colonizados fortalecendo a ideologia que:

Todo um conjunto de conhecimentos que foram desclassificados como inadequados para sua tarefa ou como insuficientemente elaborados, isto é, conhecimento ingênuo, localizados na parte mais baixa da hierarquia, abaixo do nível requerido de cognição ou cientificidade (PK, 1942, *apud* SPIVAK, 2012, p. 61).

Os costumes, os valores entre o colonizador e o colonizado são diferentes. Existe não só a relação de poder, mas um distanciamento que muitas vezes é responsável pela negação e formação da autoimagem em assumir a imagem real, pois existem vícios de imposição cultural, próprio do mundo ocidental. Para compreendermos a diferença cultural, precisamos escutar as vozes indígenas que estão presentes no fazer diário da escola, ao revelarem as lembranças. Há várias formas de conhecimento diferente entre o discurso ocidental e os saberes indígenas, ambos valorizam o seu conhecimento científico e os saberes milenares das etnias, de acordo com seu contexto histórico. São valores que realmente estabelecem segurança no cognitivo próprio de cada sujeito, podendo dar aos alunos um saber de mundo diferente.

Podemos considerar que a Escola Municipal Indígena *Tengatuí Marangatu*, localizada na reserva indígena Jaguapiru de Dourados/M.S, é um espaço de vivência intercultural e multicultural contendo a Educação Infantil Pré-Escolar e o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), abriga as etnias Guarani, Kaiowá, Terena e outras.

A interpretação e convivência social dos alunos indígenas do oitavo e nono ano, desta escola, realizou-se um trabalho didático, permitiu descobertas individuais, como por exemplo o nome de batismo indígena. A partir do texto histórico, textualidades indígenas, oralidade, do discurso consciente dos alunos é evidente a insatisfação com o sistema governamental. Percebe-se um esclarecimento real da política, da lógica do colonizador, da apropriação indébita do território indígena. Estes fatos de opressão social foram denunciados por Marçal de Souza.

No livro de *Marçal de Souza Tupã I: um guarani que não se Cala* (1994), autor José Laerte C. Tetila discorre a história deste guerreiro contemporâneo assassinado por defender a posse da terra, como constituição de valor e existência da nação indígena. Marçal de Souza, defensor de uma causa milenar, foi intermediário do seu povo. Sua voz agrega valor de identidade, materializada e imortalizado pelo registro da textualidade da obra, *Marçal de Souza Tupã I: um guarani que não se cala*. (TETILA, 1994 pág. 13).

Nossa pesquisa baseia-se em algumas narrativas registradas, aleatórias de discursividade, coletadas a partir da espontaneidade dos alunos.

A identidade indígena de Marçal de Souza, defensor de uma causa milenar, foi intermediário do seu povo. Sua voz agrega valor de identidade. Colaboramos na discussão pedagógica por meio do registro histórico deste fragmento, trabalhado em sala de aula na Escola Municipal Indígena de Dourados M.S *Teguatui Maranguatu*. 2013):

Meu nome é Tupã I
 Este é o meu nome, meu verdadeiro nome.
 Meu nome de batismo pelo ritual guarani.
 Quando eu era pequeno fui batizado por cacique.
 Não sou um Homem grande, sou pequenininho.
 Sou da tribo guarani. Falo meu idioma e meu dialeto com carinho. (TETILA, DOURADOS, 1994)

Diante da textualidade histórica de Marçal de Souza, indagamos aos alunos, a fim de desenvolver a habilidade de compreensão oral e escrita para conviver com a diversidade social. Nesta textualidade manifesta-se identidade do colonizador e desvela outro ser. Este ser globalizado pertence a dois mundos, fruto do multiculturalismo social apresentando entre o ocidente e o oriente. Já que os teóricos científicos como BAUMAN (2004) e BHABHA (1998) e HALL (1990) e FANON (2008) confirmam as transformações e mudanças sociais no decorrer do tempo:

Abordando o binarismo entre o colonizador e o colonizado, podemos entender que relação de poder está presente, neste sentido concordamos com (Bhabha 1998, *apud* Fanon,

2008)

[...] Não é o eu colonialista nem o outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial ___o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro. É em relação a esse objeto impossível que emerge o problema liminar da identidade colonial e suas vicissitudes. Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pre-dada, nunca uma profecia autocumpridora ___é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem (BHABHA 1998, pg.76 *apud* FANON, 2008).

Considera-se vital que os saberes científicos e os tradicionais, são imprescindíveis para o desenvolvimento crítico de ambas as culturas. No decorrer do discurso propomos aos alunos responderem e seguinte questão. Descreva como o sujeito indígena se apresenta para nós. Qual e suas características? Nosso propósito foi evidenciar os diferentes os processos de identificação, no interior da escola, a fim de ampliar a reflexão problematizando os estudos culturais, buscando as características e influências indígenas na construção da identidade cultural. Considera se, portanto a seguinte resposta do 8º e 9º ano: (da Escola Indígena Municipal Tenguatui Marangatu 2013).

Ele se apresenta, dizendo o nome verdadeiro dado pelo cacique da tribo guarani.
 Ele se apresenta, como índio guarani e fala que não e homem grande mais sim pequeno.
 Ele se apresenta com nome de batismo e pela expressão, ele sente orgulho de seu nome.
 Pois diz ser só um pequeno homem e ser da tribo guarani, e que trata as línguas faladas com carinho.
 (Aldeia Jaguapiru Dourados – MS, Nono Ano, 2013)

Meu nome e tupã I não sou um homem grande, sou pequenininho sou da tribo guarani.
 Ele se apresenta como tupã ele fala o idioma dele com carinho. Apresenta-se de uma maneira humilde, sua característica e pequenininho, mas em outra circunstância ele se torna grande.
 (Aldeia Jaguapiru Dourados – MS, Oitavo Ano, 2013)

Para compreendermos a diferença cultural precisamos escutar as vozes indígenas, que estão presentes no fazer diário da escola, neste sentido embora pertençam ao mesmo espaço geográfico escolar os alunos interpretam na lógica diferenciada, ou seja, acentua-se o conceito de letramento social, interdisciplinar e etnográfico existe um sentido diferente dos hábitos e atitudes (BHABHA, 1998).

No fragmento do nono ano podemos perceber que decifram códigos do letramento, mas não compreendem a intenção social, histórica de denúncia dos mesmos Soares (2004). Esta dificuldade pode estar relacionada à questão social linguística de identidade e identificações (Hall, 1992).

No segundo fragmento do oitavo ano, podemos entender que há criticidade, pois conseguem refletirem, relacionarem o conhecimento histórico contido no discurso de *Marçal de Souza tupã I: um Guarani que não se Cala (1994)*, abordando a questão cultural.

Nesta diversidade encontramos um conhecimento abstrato e real. Ao analisar os discursos coletados por meio do diálogo, e da escrita, reconhecemos a história oficial e as narrativas, descobrindo o outro olhar histórico de valores e reconhecimento de ter orgulho por pertencer à luta de resistência linguística.

Há várias formas de conhecimento diferente entre o discurso ocidental e os saberes indígenas, ambos valorizam o seu conhecimento científico de acordo com seu contexto histórico. São valores que realmente estabelecem segurança no cognitivo próprio de cada sujeito, podendo dar aos alunos um saber de mundo diferente. Diante dessa ideia buscamos dialogar com os professores indígenas por meio de uma entrevista etnográfica, pois nossos informantes eram constituídos das três etnias: Guarani, Kaiowá e Terena. Nosso roteiro obedeceu a uma série de questionamentos referentes ao âmbito escolar indígena. No fragmento abaixo, a pesquisa de campo (2013-2014-2015) com as vozes dos docentes e discentes; a professora relembra suas origens e sua experiência de docência, conduzindo a uma prática pedagógica diferenciada na época, rompia com ensino tradicional, e abria outras expectativas educacionais. A participação da professora Guarani em sua fala apresenta, uma resistência na questão linguística e cultural tudo é decidido pelos alunos e comunidade:

[...] Depois voltando para Dourados fui trabalhar na Bororó. A pedagogia era da mesma forma, continuava alfabetização na língua portuguesa e a comunicação sempre na língua indígena eu sempre adequava o trabalho junto com a comunidade. Então eu apliquei a minha pedagogia de acordo com o conhecimento que aciança trazia, do conhecimento dela. Tá certo que agente era obrigado usar a cartilha mais eu trabalhava sempre usando a cartilha como apoio e eu sempre construí meu projeto de alfabetização diferente do que tinha na cartilha.... Eu usava o que tinha no cotidiano da aldeia... Um exemplo: aranha >nhandu Trabalhava dois sons do gráfico... Das duas línguas. [...] fazia sete mês que eu estava neste projeto, um dia chegou à supervisora da FUNAI, eles nunca avisavam quando iria vir [aparecer] ela achou o quadro só com a escrita na língua e eu fui ameaçada para deixar de ensinar na língua! Se continuasse a ensinar na língua, eu poderia ser despedida, eles levaram um monte de livros e cartilhas. Naquela época era cartilha caminho suave pra ensina as crianças, tanto é que eu tenho ate hoje esta cartilha. Então eu tive que deixar o meu projeto e ensinar na língua portuguesa, só que não deixei de fazer a comunicação e explicação na língua indígena.
(Jaguapiru, Dourados M.S; Professora Guarani, Transcrição entrevista, 2015).

A narrativa da professora Guarani, aponta para valores de resistência em questão da língua Guarani, oferecendo um suporte próprio para formação de materiais pedagógicos. Essa

é uma maneira de resistir e existir da língua na comunidade relata também a dificuldade de conseguir apoio de órgãos competentes. O mais valioso de tudo isso é à força de vontade e identificação pela história do seu povo. A relação do passado com o presente é permeada por lembranças que se cruzam e se complementam, não tendo uma única identidade, mas uma identificação (HALL, 2005, *apud* OLIVEIRA, 2009, p.93.).

Quando trabalhamos com a memória, utilizamos a lembrança dos depoimentos individuais, que são fruto das relações: familiares, grupais, escolares, da igreja. Estas lembranças compõem a memória pessoal e coletiva. Este é um momento, e uma forma de reconstruir um tempo imemorial, um instrumento de defesa da pedagogia da alteridade, do olhar interdisciplinar pertencente ao conhecimento desconhecido, um conhecimento complexo de identificações. Complexidade está divulgada por Morin (1996), como uma teia de conhecimento entrelaçada e interligada no contexto social. Partindo deste pressuposto, consideramos atribuir valores ao ouvir as vozes dos narradores indígenas no contexto escolar. Os alunos apresenta o idioma, como marca de identidade, e os dialetos com complementação da língua de outros povos. Essa identificação está na voz quando diz; que o idioma é ensinado pelos pais, é o dialeto negado pelo colonizador. Outro questionamento do nosso trabalho didático refere-se à representação. O que representou Tupã I para o nosso povo?

E um exemplo para nós, podemos lutar pela nossa terra. Tupã I lutou pelo direito dos povos indígenas.

Um exemplo de homem lutou pelos índios.

Uma pessoa muito corajosa e fiel no que fez, querendo o melhor para seu povo.

Um guerreiro para nosso povo indígena.

[Jaguapiru Dourados M.S, Nono Ano, grifo nosso 2013]

Ele representou um deus dos indígenas para todos e continua nos dias de hoje.

Ele lutou muito por direito dos indígenas.

Ele representou sua bondade a sua coragem e a sua vida para o povo de hoje.

Ele foi muito importante porque sempre defendeu os povos indígenas.

Representa um deus protetor do seu povo.

Ele representa muito, pois lutou pelos direitos pelas terras e pelo trabalho escravo, que seu povo sofria.

Ele representou muita coisa, lutou por nós, lutou pela escola, para que pudessem aceitar as duas línguas na escola.

Ele lutou pela discriminação e cultura de sua etnia.

(Jaguapiru Dourados M.S: Oitavo Ano, 2013).

O conhecimento dos fazeres culturais desperta a consciência acerca da identidade, deve e precisa ser respeitada e valorizada. Esse processo de interação propicia a análise, e esta se compromete com ser social, com a denúncia histórica, com a identificação das vozes dos sujeitos que reconhecem suas raízes culturais, assim se alto denominam. Concordamos com

Melo (2004, p.134) a seguinte afirmação: “todos os sujeitos tem suas histórias e são sujeitos históricos, portanto em processo de vir a ser”.

Diante das respostas, podemos afirmar o reconhecimento dos alunos indígenas de forma produtiva no compromisso do Marçal de Souza, este guerreiro contemporâneo assassinado por defender a posse da terra, como constituição de valor e existência da nação indígena para com seu povo, na construção da identidade, por ser um exemplo para os jovens de hoje na representação social.

No caso da obra de *Marçal de Souza, Tupã I: um guarani que não se cala*. (1994) a liderança protagonista foi instigada, inspirado, pelo trabalho e questionamento do educador Darcy Ribeiro. Porém pode-se adiantar em controvérsia na tensão entre o procedimento de igualdade, oportunidade de espaço e respeito à diferença. Desta forma podemos dialogar e ouvir na contemporaneidade o outro, a interpretação, da textualidade musical e o depoimento dos grupos dos alunos do nono ano. Neste processo observamos o registro do indígena falante (f) do idioma Guarani, o não falante Guarani (n.f):

Aldeia unida mostra a cara.
 Que o índio é forte e corajoso.
 É verdadeiro índio somos nós, em sangue puro, kaiowá, guarani e terena.
 Ninguém pode tirar a nossa cultura e nossa língua. (iden)
 O amanhã pertence para quem acredita. (tem)
 Tentando mostrar pela música ou poesia.
 Pela cultura uma visão melhor do nosso povo. (f)
 Acreditamos em dias melhores, história dos nossos ancestrais, (tem)
 Mostra que lutaram sofreram, mas não desistiu. (tem)
 E lutou até a morte com dignidade.

(Jaguapiru Dourados M.S. depoimento dos alunos falantes,2013).

“Aldeia unida mostra a cara.”
 Com amor, com respeito.
 Com orgulho de ser índio. (con)
 Sem termos medo de sermos rejeitados. (con)
 Precisamos ser unidos temos alma de índio guerreiros.
 Lutamos pela nossa cultura, somos índios verdadeiros.

(Jaguapiru Dourados M.S. depoimento dos alunos não falantes,2013)

O objetivo de destacar o falante da língua indígena e o não falante é que ambos manifestam de forma muito forte a defesa de sua identidade diante das mudanças ocorridas pela opressão histórica, apesar do abalo que enfrentam no mundo globalizado, a consequência da mudança é possível, segundo Hall (1990) diante da complexidade que o indivíduo enfrenta:

[...] As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizarão o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades fragmentando o indivíduo moderno. A

assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL,1990 p.07)

Destacamos um dos refrões da música dos Bro'MCs, são grupo de *rap*, composto por quatro integrantes indígenas, do território Jaguapiru de Dourados M.S datado em 01/02/2011 e traduzido em português, como forma de identificação, denúncia de acordo com Hall (2008). Tradução do Guarani: extraindo a frase, “aldeia unida mostra a cara”. Esta música e refrão foram escolhidos pelos alunos, para construção textual, desta forma manifesta sua identidade com emoções e experiência.

Refrão (2x):

Nós te chamamos pra revolucionar por isso venha com nós, nessa levada. Nós te chamamos pra revolucionar **Aldeia unida mostra a cara.**

Vamos todos nós no rolê, vamos todos nós, índios festejar.

Vamos mostrar para os brancos que não há diferença e podemos ser iguais. Àquele *boy* passou por mim me olhando diferente, ágora eu mostro pra você que sou capaz, e eu estou aqui, mostrando para você o que a gente representa.

Agora estamos aqui porque aqui tem índios sonhadores, agora te pergunto rapaz por que nós matamos e morremos? Em cima desse fato a gente canta.

As vozes extraídas da música é uma das estratégias do grupo focal, existe a marca da identidade naquela linguagem, pois (HALL, 1990 pg.22) fortalece esta marca ao esclarecer que, “[...] Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”. Quanto mais ouvimos as vozes ensurdecidas pelo colonizador, mais nos identificamos com o invisível, visível de se auto reconhecimento. Estas vozes da memória individual se entrelaçam de várias vozes acentuando a memória oral coletiva.

*[...] chegou a hora [em] que nós sozinhos não conseguiremos fazer nada.
Precisamos nos unir braço a braço, e
levantar alto a voz dos nossos antepassados que foram massacrados.
(Marçal Guarani: a voz que não pode ser esquecida. 2006)*

CAPÍTULO - III VOZES E MEMÓRIA: VOZES QUE NÃO DEVE SER CALADAS E SABERES QUE NÃO PODEM SER ESQUECIDOS

3.1 Memória

As histórias contadas por narradores inscrevem-se dentro da sua história, a de seu nascimento, vida e morte (BOSI, 2001, *apud* OLIVEIRA, 2009, p.62). Na lógica da representação das vozes e saberes da intertextualidade contemporânea, podemos interpretar parte do texto da obra de *Marçal de Souza Tupã I: Um Guarani que Não se Cala* (1994), do autor José Laerte C. Tetila, destacar o conceito de Tupã como representação metafórica e podemos dialogar com Hall (1990. *apud* Gellner, 1983):

[...]_está lá, na verdadeira natureza das coisas”, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser “acordada” de sua “longa, persistente e misteriosa sonolência”, para reassumir sua inquebrantável existência HALL (1990 p. 53. *apud* GELLNER, 1983.p. 48).

De acordo com HALL (1990), podemos reafirmar que ao reassumir lembranças de nossos valores torna se algo inquebrantável a identidade presente. Neste contexto Marçal de Souza guerreiro contemporâneo assassinado por defender a posse da terra, relembra o tempo de mudanças por conta da colonização que ocorreu em tempo Milenar e podemos presenciar discurso do livro de *Marçal de Souza Tupã I: Um Guarani que Não se Cala* (1994):

[...] Primeiramente, eu quero lembrar um pouco do meu passado. Não me lembro bem, porque nós índios não guardamos datas como vocês guardam datas e anos no papel. O nosso calendário é o inverno, o nosso correr dos meses é a Lua, o nosso relógio é o Sol. Por isso eu não me lembro bem, se não me engano, na década de quarenta tive o meu primeiro encontro com o professor Darcy Ribeiro. Convivi com ele em suas pesquisas por estas plagas de Mato Grosso, de aldeia em aldeia. Naquela época, esse que fala a vocês não tinha um ideal, não tinha um alvo, não conhecia a própria história....apesar de eu não ter quase preparo, mas Tupã, que abre todas as

mentes, abriu também a minha mente e reportou-me ao meu passado muito distante, e ali... eu vivi a glória do meu povo, já distante, sendo levada pelos séculos. Descobri... que nós índios tínhamos uma riqueza muito grande, uma riqueza preciosa, que era a nossa cultura, a nossa crença, a nossa vida de índio, a nossa organização. Desde então nasceu um amor muito profundo pelo meu povo índio. Desde então propus em minha vida, viver entre meus irmãos, para pelo menos sentir o seu sofrimento, a sua vida, o seu viver. Então revendo a glória do meu povo já perdida nos séculos, propus em meu coração, batalhar pelo menos pela restauração de nossa cultura, de nossa crença, de nossa organização social, que só nós entendemos. (TETILA,1998).

Marçal de Souza Tupã I: Um Guarani que Não se Cala (1994): no discurso retoma a presença do passado dentro de uma temporalidade, onde o tempo e o passado se confundem. Entretanto, diante dessa manifestação no discurso textual foi possível explorar alguns discursos em sala de aula por meio de interpretação e também lembranças, em forma de oralidade de alguns alunos, relatos que os avós apresentavam sobre Marçal de Souza guerreiro contemporâneo universal.

Neste mesmo fio condutor professores, em seus discursos, apresentam um envolvimento muito forte com a comunidade, fortalecendo o valor cultural quando traz em sua memória saberes milenares indígenas, como prática de ensino pedagógico. Neste momento traremos apenas três vozes representando a escuta das etnias de nossa pesquisa, ou seja, uma voz Guarani, Terena e Kaiowá.

Nossa colaboradora, professora terena é moradora da aldeia e das terras indígenas Jaguapiru, a mesma coordena a escola municipal. Ao ser questionado sobre as lembranças do começo de sua carreira, como era a prática pedagógica na época em que começou a lecionar na escola declara:

(...) na época era pela Fundação Educar ... Na época era lá na cidade, era pela FUNAI mais a fundação educar vinha do município. Não era bem da prefeitura, mas era um convênio, era ligado com a fundação educar na época, agente teve bastante apoio deles, o ensino vindo de lá. Não tinha nem um estudo pra trabalhar com a educação indígena, de acordo com a realidade do aluno não tinha nada disso. Em, em 81, a gente fez a matrícula dos alunos tudo era feito na FUNAI mesmo... Foi bom, porque a fundação educar nos ajudou muito. A gente tinha muita formação, a gente ia lá eles viam a aqui olhava como estava o trabalho verificava os tipos de matérias que agente tinha porque o material vinha deles mesmo, a gente tinha muito auxílio deles...comecei a trabalhar com material vindo de lá, na época para nos era material bom, vinha tudo! Atividade direcionada de lá.

(Jaguapiru, Dourados M.S; transcrição, da entrevista professora TERENA, 2015).

Essa lembrança evidencia um elemento próprio de interpretar e de se relacionar com o mundo letrado, podemos observar que na aprendizagem pedagógica, de acordo com a fala da professora terena, o trabalho era proposto sem mesmo conhecer o histórico de nossa

comunidade, ou se o professor e o aluno estavam aptos para entenderem a linguagem. No discurso da professora podemos perceber que por ser leiga e desconhecadora de uma ideologia eurocêntrica, achava o material muito bom, na realidade a hegemonia da colonização de uma cultura sobre a outra, ou seja, a dominação do conhecimento científica desqualificando o saber secular indígena.

3.2 Valores culturais

É importante destacar que o medo do desconhecido nos faz calar por um tempo e que este é um processo natural para despertar a formação da consciência cultural. É necessário construir/desconstruir/ reconstruir para compreender nossa identidade, por meio dos argumentos formados neste processo. Podemos defender e escolher as posições ideológicas seja ela, do colonizado/colonizador. Neste sentido, conduzimos nosso diálogo perguntando a professora e coordenadora terena se relembra como era a interlocução entre professor e alunos. A professora de forma calma e segura responde da seguinte forma “a gente se entendia bem! Antigamente trabalhávamos muito no concreto, a gente se identificava bem! Confeccionava, criávamos material com eles, tudo feito com eles”. (transcrição, 2015) Diante desse relato entende-se que pela necessidade de entendimento dos alunos, a professora tinha o seu método de conhecimento cultural para melhor entendimento do aluno, o que era extensão de prática indígena. Afinal a relação entre prática/teoria existia enquanto forma de entender o processo de aprendizagem do aluno. Continuando nosso trabalho de escuta, procuramos entender como as relações indígenas se constituem, relações estas, políticas, históricas e sociais. Abordamos o diálogo para a questão intercultural presente no âmbito escolar. Neste mesmo fio condutor a professora terena declara:

Penso que estamos buscando a interculturalidade, nós professores, enquanto educação escolar indígena está buscando algo, fala que está pronto, não tá, está buscando através dos saberes, essa formação deixa bem claro o que é uma educação indígena venho estudando desde 90 é um sonho ter uma educação bilíngue. Eu penso que todos da educação indígena têm que estar com um objetivo, se não nos não conseguimos. Isso inclui município e todas as outras estruturas envolvidas. (Jaguapiru Dourados/M.S, Professora Terena, Transcrição entrevista, 2015)

Percebe-se um distanciamento entre os saberes indígenas e mais distante ainda em relação ao conhecimento ocidental. Dialogar é algo necessário para este sonho se constituir

em projeto concreto de vivência.

Ainda em reflexão no trabalho de campo, dialogando com a professora aposentada da etnia Guarani, moradora também da terra indígena Jaguapiru, permitiu a continuação do assunto. Essa conversa se deu por meio das seguintes perguntas: Como era a prática pedagógica na época em que você lecionava na escola? A professora emocionada e saudosista relata com carinho os desafios pedagógicos enfrentados em anos duros da ditadura.

[...] Até nos últimos dias de aula, minha postura sempre foi assim, ensinava a língua portuguesa e fechava com a língua guarani as explicações. A questão pedagógica na época descobria junto com os alunos, na àquela época não era como agora, o básico não tinha. Então você tinha que se virar com que você tinha a disposição, papel de enrolar pão, qualquer papel que caísse em minha mão seria utilizado, lá em Caarapó a pedagogia que eu usava era baseada na forma como o índio educa era no coletivo, não como e ensinado hoje as crianças sentado um atrás do outro, era sempre no sistema de círculo, como não tinha carteira para todos os alunos, o trabalho era feito com alunos sentados no chão. ...Se chegasse alguém e vissem às crianças sentadas no chão, achava aquilo uma falta de respeito com a criança. Ai você vê como não entende a questão da cultura que o índio se sente melhor em contato com o chão faz parte da identificação deles.

(Jaguapiru: Dourados M.S; Professora Guarani, transcrição da gravação, 2015).

Neste sentido, podemos entender que a ação pedagógica da naturalidade de ensinar o outro pelo coletivo, era intrínseca na constituição indígena. Rompe-se neste momento a formalidade das carteiras ocidentais, aprende-se que a ligação indígena com a terra é continuidade, extensão do seu processo de aprendizagem e sentido próprio de sua construção e formação identitária. Diferenciada da época, a professora resistia e enfrentava o ensino ocidental, com práticas de saberes indígenas.

Neste relato, ela apresenta os valores culturais diferentes quando diz: “Não como é ensinado hoje as crianças sentado um atrás do outro”. Ou seja, essa forma de ensino é do outro. Desta maneira, percebe-se que cada etnia tem seus saberes e costumes diferentes e não podemos negar que isso é algo da própria natureza onde cada um se organiza de forma própria. Sua fala põe em evidência os interesses políticos de desvalorização cultural, esse termo político nos conduz a uma reflexão/ação/consciência de lutar por nossa identidade indígena. O desafio é muito grande, trata-se de conquista colonialista, não dando credibilidade para o conhecimento indígena, que pode contribuir muito para o aprendizado do aluno.

Respeitando nosso roteiro de entrevista, perguntei se os pais eram presentes na participação da vida escolar?

[...] eu mesmo fazia o lanche, a esposa do cacique repartia a alimentação que tinha em sua casa, para fazer o lanche como milho mandioca, abobora e assim por diante. Eu ajudava a descascar mandioca e lavar batatas. As crianças comiam e iam embora. Muitas crianças pequenas, o máximo que eles ficavam na escola era de 40 minutos

quando acabava o interesse deles. Ai dizia ahata mache e iam embora. Os pais junto com as lideranças naquela época trabalhavam juntos, limpavam as estradas o pátio da escola e da igreja todos vinham cantando, rezando a reza tradicional numa alegria!

(Jaguapiru: Dourados M.S. Professora Guarani, Transcrição da entrevista, 2015).

A professora Guarani, moradora na terra indígena Jaguapiru em Dourados M.S, relembrou com emoção o momento em que preparava o lanche dos alunos, juntamente com uma família de liderança, onde todos se ajudavam tanto no alimento quanto na limpeza do espaço escolar. Essa professora descreve como era a escola e a participação dos pais. É desta forma que adquirimos uma história; a memória é construída na coletividade, construções orais vividas no sentido dos saberes indígenas tradicionais. No processo das lembranças, professora da etnia guarani: dialoga sobre assuntos da interculturalidade presente no contexto escolar.

Os professores estão tendo muita qualificação em relação à cultura. Respeitar a cultura do outro, aprender a enxergar a cultura do outro. Eu acredito! tenho certeza!! que não existe a educação intercultural. Existe um faz de conta, fala-se muito em relação intercultural. ex: vem projeto, em nenhum momento foi respeitada a criança Guarani, Terena e Kaiowás.

(Jaguapiru: Dourados/M.S. Professora Guarani, Transcrição da entrevista, 2015)

Segundo a professora guarani existe um desrespeito, pois o planejamento intercultural é construído com o olhar do colonizador e não com a ação pedagógica do coletivo, da vivência indígena. Eles planejam e nós executamos.

Nessa busca de compreensão estive presente na residência do professor kaiowá, morador na terra indígena de Dourados, área Bororó. Questionando-o para melhor entendimento a respeito do trabalho proposto, iniciei com a seguinte pergunta: Professor, como era a prática pedagógica na época em que você lecionava?

O professor relembrou a sua história de forma carinhosa, sua palavra estava tão carregada da sua vivência, a ponto de me emocionar. Ele transmitiu algo a mais quando relatou as seguintes lembranças, destacou a seguinte ação pedagógica:

[...]- Na época, chamava o capitão, o cacique para ver como a escola estava, dava outro conceito. Era junto com a liderança. Então, eu lembro que foi a própria liderança que pediu.... Para dar uma chance para iniciar o meu trabalho... A FUNAI nunca cobrou o ensino na língua, eu que muitas vezes organizava assim o plano a aula assim na língua, na escrita sempre usei a aquela cartilha te'y.>* nhe~e* da missão. Trabalhava sempre com étnico texto e eles gostavam, na época como eu não tinha uma base, eu trabalhava com alfabetos vogais assim, esse da língua portuguesa mesmo, o currículo normal do município agente não tinha.... Depois peguei a letra que existia na língua indígena e na língua portuguesa. Na época era só palavra, pegava da cartilha exemplo: tata>yra trabalhava mais o fonema, mais ajudou bastante. Lembro que uma vez no Araporã em 87, eu tinha 25 alunos... Ai eu consegui alfabetizar 17alunos. Até uma vez veio um rapaz do CIM... Ele olhou a

letra no quadro e disse_ essa letra eu não conheço. Então eu disse:_ É uma musiquinha do hinário do japoraréi Joa, eu tinha colocado. xe ru Yváy pegwa, disse a ele, que a música é diferente de um texto informativo ela muda música é um arranjo... Uma das coisas que eu mais gostava era de ir à casa dos alunos , conversar com os pais, com as mães. Então fazia essa interação com a comunidade. (Bororó: Dourados M.S. Professor Kaiowá, Transcrição da entrevista, 2015).

Esta reafirmação do professor indígena entrevistado, morador no Bororó em Dourados M.S, planejar e criar juntamente com os alunos e com o apoio da comunidade os materiais didáticos são características de uma dinâmica própria, que abre nova possibilidade de registros em comunicação e escrita.

A partir do momento em que se ouve o que é lembrado, pelo uso e costume, recitados por sujeitos envolventes na comunidade, foi possível presenciar sentimentos imbuídos no ser indígena, como forma de reabrir o vento das palavras, dando força como raio de luz, para uma escuta de revelação originária contida em sua memória. Considera-se vital que os saberes científicos e os saberes indígenas são imprescindíveis para o desenvolvimento crítico de ambas as culturas. Não se deve dispensar ou renunciar os conhecimentos e saberes indígena. É por meio deles que podemos registrar a história, cultura, identidade e saberes. O professor kaiowá continua seu relato:

[...] na época a FUNAI tinha a coordenação... Supervisora de ensino... Ela vinha em dois em dois mês aqui na escola Ibiapina. Quando ela vinha ela procurava saber como estava o rendimento do aluno, tinha que ter amostra do caderno dos alunos. E agente tinha um caderno que guardava o outro os alunos levavam. Tinha uma ficha que a gente preenchia; em dois semestres ela voltava, em um semestre reuniam em Campo Grande. Lá reuniam todos os professores. Vinha professores de fora falava alguma coisa da aldeia, o que estava indo bem... Mas sempre chamava os capitães na verdade nosso fiscal era os capitães. (Bororó Dourados M.S Professor Kaiowá, Transcrição da entrevista, 2015).

No discurso acima, podemos perceber que decifram códigos do letramento, mais não compreendem a intenção social, histórica de denúncia dos mesmos, SOARES (2004). Esta dificuldade pode estar relacionada às questões sociais, linguísticas, de identidade e identificações (HALL, 1992). E, desta forma, poucos entendem que cada sociedade tem sua própria organização política, essas regras são desconhecidas, pela imposição do poder e desejo, para o apagamento cultural. Ao contrário dos colonizadores, completam suas produções educacionais dentro das leis e regras. Juntamente com Spivak (2012) abordamos a seguinte definição:

(...) o desejo e seu objeto são uma unidade: é a máquina, como uma máquina de uma máquina. O desejo é uma máquina, o objeto do desejo é também uma máquina conectada, de modo que o produto é suspenso do processo de produção e algo se desloca da produção para o produto e oferece um resto ao sujeito nômade (SPIVAK, 1942, p.31).

Essa abordagem leva-nos a refletir que as etnias possuem desejos diferentes, pois as singularidades dos Terenas, Guarani e Kaiowá, apresentam sentido humano. Podemos entender que o desejo específico espontâneo do sujeito, com sua própria ideia e valor, capacita-os à compreensão de desafios.

Um sujeito com desejo diferenciado é livre, sensível, trabalha e produz de forma criativa e positiva para o desenvolvimento cognitivo. A autora apresenta que muitas vezes nos perdemos quando nos distanciamos de nossas origens e, conseqüentemente, somos conduzidos pelo sistema ocidental a acreditar que somos sujeitos genericamente mecânicos, autômatos. Neste sentido, o homem é visto como objeto assujeitado, e a construção cultural do dominado impregna a natureza humana, a tal ponto que os saberes dos nossos antepassados estão fadados ao homicídio/suicídio, inevitavelmente há um óbito do inconsciente da identidade. Portanto, é o desejo que dá sentido de libertação/autonomia, mas também possui a dualidade do aprisionamento da identidade.

Porém nosso roteiro de pesquisa finaliza com depoimento do professor kaiowá sobre a interculturalidade o mesmo se posiciona com a seguinte fala;

As práticas pedagógicas estão muito pouco a desejar, usam muito material didático do município, eles não tem seu próprio material para um trabalho mais específico. Está faltando uma união no planejamento pedagógico; eles tinham que planejar junto com a comunidade e liderança incluindo a sede municipal, sem isso não tem rendimento. (Jaguapiru Dourados/M.S professor Transcrição da entrevista, 2015)

Constata-se que há um problema da coletividade cultural, pois a interculturalidade tão desejada depende do envolvimento de todos da comunidade escolar, ou seja, formal/informal e indígena/não indígena.

A tradição é aquilo que diz respeito ao tempo, não ao conteúdo. Por outro lado, o que o Ocidente deseja da autonomia, da invenção, da novidade, da autodeterminação é o oposto__ esquecer o tempo e preservar, acumular conteúdos; transformá- los no que chamamos história e pensar, que ela progride porque acumula. Ao contrário, no caso das tradições populares ...nada se acumula, ou seja, as narrativas devem ser repetidas o tempo todo porque são esquecidas todo o tempo. (FANON 2008 p.g.93).

Não podemos esquecer e apagar os saberes presentes de uma territorialidade indígena urbana, que se diferencia de outras realidades indígena brasileira. São povos presentes que continuam lutando e resistindo e enfrentando os desafios por um saber histórico, científico e cultural. Saberes estes, que continuam vivos na identidade indígena, mesmo com o mundo globalizado em movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao Apropriamos dos textos e textualidades indígenas de; *Marçal de Souza Tupã I: Um Guarani que não se Cala Autor José Laerte C. Tetila (1994)* e da música dos Bro'MCs, rap, indígenas, do território Jaguapiru de Dourados M.S datado em 01/02/2011 valorizou-se, o discurso da oralidade e incentivo aos alunos, juntamente com a presença da professora e filha de Marçal a qual foi palestrante e informante em nossa pesquisa.

Diante das apresentações, do vídeo que a professora usou, provocamos uma intertextualidade fílmica e livresca. Os alunos se mostraram atentos e ao término da palestra alguns dos mesmos manifestam-se de forma diferente, com aplausos, outros com timidez.

Entre essas manifestações, percebe-se que os manifestantes dos aplausos são sujeitos que tinham conhecimento da história de Marçal contada pelos avós. Podemos perceber que há diferentes formas de construir a identidade segundo, (HALL. 1990. pg.13) “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. Esta diferença esta relacionada na identificação da realidade pessoal do sujeito, portanto ela é móvel (BAUMAN, 2001). Pode se perder muito na questão cultural, quando não há conhecimento necessário, quando a história não é repatriada por herança do seu povo, de não assumir a própria identidade. Mas pode-se ganhar quando são provocados e se auto identificam, mesmo que não falem o idioma, pois este fato é consequência do processo de descolonização. Desta forma concordamos com a complexidade de Mori e que é preciso explorar mais alguns pontos no texto de Marçal de Souza Tupã I: Um Guarani que não se Cala (1994). No campo geográfico, histórico, linguístico didático e planejamento pedagógico e outros, e ao mesmo tempo despertar o interesse em conhecer mais a história dos nossos antepassados na defesa da alteridade. No discurso de Marçal de Souza, o mesmo relata que começou a dar importância na questão da identificação, com ajuda de um pesquisador, voltando à memória um pouco de seu passado, ou seja, precisamos do conhecimento do colonizador estas interlocuções permitem uma troca cultural, rompendo com etnocentrismo e radicalizamos ortodoxo da convivência social, construindo a tolerância diante das diferenças culturais.

Constata-se que há um problema da coletividade cultural, pois a interculturalidade tão desejada depende do envolvimento de todos da comunidade escolar, ou seja, formal/não formal e indígena/não indígena. Não podemos esquecer e apagar os saberes presentes de uma territorialidade indígena urbana, que se diferencia de outras realidades indígena brasileira, mas

continua lutando e resistindo a sua cultura, mesma encurralada pela hostilidade do latifúndio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V.; **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: EDVIG, 1990.

ALBERTI, V.; **Manual de história oral. 2. Ed. Ver. E atual**. Rio de Janeiro: EDVIG, 2004.

BHABHA, K. H.; **O local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG**, 1998.

BAKHTIN, M.; **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec – UNESP, 1988.

BITTENCOURT, C. M.; **A história do povo terena.**/ Circe Maria Bittencourt Maria Elisa ladeira_Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Plano Decenal de Educação para todos**. Brasília: MEC, 1994.

BARTHES, R.; **Análise Estrutural da Narrativa. 4ª ed. Petrópolis: Vozes**, 1976.

BAUMAN, Z.; **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, E.; **Memória e sociedade: lembranças de velhos. 9ª ed.** São Paulo- SP, Ed. Companhia de Letras, 2001.

BUFFON, G. V.; **etnografia**. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/etnografia/>>. Acesso em dia: 09 de março 2014.

CORTEZ, A. M.;. **Desterritorialização.2010**. Disponível em <<http://ambientesgeograficos.blogspot.com.br/desterritorializacao>>. acesso em dia:

FANON, F.; **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

GATTI, B.A.; **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Série Pesquisa em Educação (10), Brasília: Líber Livro, 2005.

GRUPIONI, B. D.L.; **Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena/ As**

leis e a educação escolar indígena: - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001. LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. RG.2009.

HALBWACHS, M.; **A memória coletiva**. São Paulo- SP, Ed. Centauro, 2004.

HALL, S.; **A questão da identidade cultural**. Campinas- SP, v. 3, Ed. IFCH/ UNICAMP, 2005.

JORNAL DIÁRIO MS do dia 10 de Agosto de 2012 **Guateka**. Disponível em: <<http://www.assindguateka.org/>>. Acesso em: 25 de Nov. de 2015.

LARAIA, R. de B.; **Cultura um conceito Antropológico**. RG. 2009.

MORIN, **Os sete saberes necessário a educação do futuro**. São Paulo: Ed. CORTEZ: Brasília Unesco, 1996

OLIVEIRA, A. C. S. de.; **Os Estudos Culturais: As narrativas e discursos afrodescentes no ensino médio de Dourados**. UEMS, 2013.

OLIVEIRA, S.A. C.; **Movimentos sociais e ação educativa: uma experiência em Mundo Novo MS**. Dissertação de mestrado. Londrina, 2010.

PASSOS, L. A.; BELENI, S. G.; **O Eu e o Outro na Escola: Contribuições para incluir a história e a cultura dos povos na escola**. Cuiabá: Edufmat, 2010.

ZUMTHOR, P.; **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa P. Ferreira; Maria Lúcia Rochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOARES, M.; **Linguagem e Escola: Uma perspectiva Social**. Minas Gerais: Editora, Ática, 2002.

SOUZA, T. de.; **Educação Escolar Indígena e as Políticas Públicas no Município de Dourados**. Dourados, 2013. 215 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

SVETLANA A.; **vence Nobel de Literatura 2015**. Disponível <g1.globo.com> Acesso em: 24 de Nov. de 2015.

SPIVAK, G. C.; **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Régina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TETILA, J. L.C.; **Marçal de Souza Tupã I: Um guarani que não se cala.** Campo Grande, MS: UFMS, 1994.

GLOSSÁRIO

Guarani	Português
Araporã	Tempo bom
ahata mache	Já estou indo
japoraréi joa	Vamos cantar junto
nhandu	Ema
te'y.>* nhe~e*	Língua do índio
tata>yra	Largata de fogo
xe ru Yváy pegwa	Só o poder de Deus